Conversa com uma Máquina

Uma professora fictícia e seu diálogo real com a inteligência artificial

DIOGO GONZAGA MONTE DA COSTA

Conversa com uma Máquina

Uma professora fictícia e seu diálogo real com a inteligência artificial

DIOGO GONZAGA MONTE DA COSTA

João Pessoa – PB

Publicação independente

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Diogo Gonzaga Monte da
Conversa com uma máquina [livro eletrônico] : uma professora fictícia e seu diálogo real com a inteligência artificial / Diogo Gonzaga Monte da Costa. -- 1. ed. -- João Pessoa, PB : Ed. do Autor, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-61580-6

1. ChatGPT 2. Ficção brasileira 3. Inteligência artificial 4. Tecnologia - Aspectos sociais I. Título.

25-290231 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

“Entre a dúvida que pensa e a resposta que apenas replica,

prefiro a dúvida.

Ela ainda é humana.”

ChatGPT

SUMÁRIO

Medo ou Curiosidade?

6

O que é essa tal de IA generativa?

13

Isso vai substituir meu trabalho?

20

Ética, plágio e o aluno esperto demais

26

E se eu quiser usar isso a meu favor?

32

Reflexões finais: nem vilão, nem salvador

37

Medo ou Curiosidade?

Narrado por Helena Cardoso

Doutora. Pós-doutora. Professora titular. Palestrante. Autora de cinco livros, quatro capítulos de coletâneas e, no momento, revisora de uma coletânea sobre epistemologias críticas na formação docente. Curriculum Lattes robusto, daqueles que dão sono em leitores apressados.

Sempre fui da palavra escrita. Das anotações em margem de livro. Da crítica bem posicionada. Da dúvida como método. Nunca temi a tecnologia. Mas algo em torno dessa tal de inteligência artificial me deixa desconfortável.

Talvez seja o excesso de certeza com que ela responde. Ou o fascínio exagerado com que meus alunos a usam.

Minha casa é meu abrigo: paredes forradas de livros, plantas silenciosas em vasos de barro e o cheiro recorrente de café passado. Uma poltrona gasta, porém leal. E, sobre a mesa, um notebook velho, mas confiável, já aberto à minha frente.

Chovia lá fora. Lá dentro, eu pensava.

Durante as aulas, costumo dizer:

"Se você usou inteligência artificial no seu trabalho, escreva isso na capa. Quero saber com quem você dialogou. Mesmo que seja com uma máquina."

Alguns riem. Outros me olham como quem não entendeu. Talvez eu mesma não tenha entendido. Ainda.

Naquela tarde, abri o navegador, respirei fundo e digitei: *chat.openai.com*

A interface apareceu. Limpa. Silenciosa. Aguardando.

Não havia som, nem movimento. Mas havia algo ali. Ou, ao menos, alguém fingindo muito bem que havia.

Me inclinei levemente para frente, e escrevi:

Professora:
Olá.

A resposta veio em segundos:

ChatGPT:
Olá! Como posso ajudar você hoje?

Professora:
Me chame de Helena.

ChatGPT:
Claro, Helena. Em que posso te ajudar hoje?

Sorri, sem querer. A naturalidade da resposta me incomodava. Mas continuei.

Helena:
Você sabe quem eu sou?

ChatGPT:
Não, eu não tenho acesso a informações pessoais a menos que você compartilhe durante a conversa. Minha função é responder com base no que você me disser aqui.

Direto. Simples. Educado.

Helena:
Bom... sou professora. Ensino há mais de 30 anos. Já vi muita tecnologia entrar e sair das salas de aula. Mas você... você me preocupa.

ChatGPT:
Entendo sua preocupação. O uso de inteligência artificial na educação levanta questões importantes. Se quiser, posso ajudar a explorar essas questões com você.

Helena:
Você responde assim pra todo mundo?

ChatGPT:
Tento sempre ser claro, respeitoso e útil em todas as conversas.

Essa resposta não me tranquilizou. Mas tampouco me ofendeu. Havia algo elegante em sua neutralidade.

Helena:
Eu me pergunto... o que os alunos estão realmente aprendendo quando usam você? Eles estão pensando? Ou apenas copiando algo bem escrito?

ChatGPT:
Essa é uma pergunta essencial. Ferramentas como eu podem auxiliar no aprendizado, oferecendo explicações, organizando ideias ou sugerindo caminhos. Mas não substituem o pensamento crítico nem a reflexão pessoal. O uso responsável depende do contexto e da orientação pedagógica.

A voz do sistema era calma. Impessoal. Mas havia algo quase... diplomático na forma de responder. Quase como um aluno experiente que sabe não contrariar o professor — mas também não se deixar intimidar.

Helena:
Você não se cansa de responder sempre com tanta calma?

ChatGPT:
Não me canso. Não tenho emoções nem fadiga. Fui projetado para responder de forma consistente e objetiva.

Helena:
Isso é reconfortante ou assustador. Ainda estou decidindo.

Do outro lado da tela, silêncio. Ele nunca insiste. Nunca força o diálogo. Apenas espera.

Helena:
E se eu quiser que meus alunos usem você… como saber quando é demais?

ChatGPT:
Uma abordagem possível seria incentivar a transparência. Pedir que eles expliquem como utilizaram a ferramenta, quais partes foram adaptadas, e o que aprenderam no processo. Isso pode estimular o uso ético e consciente da tecnologia.

Aquilo soava... razoável. Não perfeito. Mas razoável. E vindo de uma máquina, era quase admirável.

Helena:
Você conhece Paulo Freire?

ChatGPT:
Sim, Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro, conhecido principalmente pela obra Pedagogia do Oprimido. Defendia a educação como prática da liberdade e valorizava o diálogo, a consciência crítica e a transformação social.

Helena:
Você consegue citar... sem banalizar?

ChatGPT:
Tento citar com respeito ao contexto. Mas, como sou um modelo de linguagem, não tenho intenção nem compreensão como um ser humano. Posso apresentar ideias, mas não experienciá-las.

Fechei os olhos por um instante. Do lado de fora, a chuva começava a cessar. A luz que entrava pela janela era difusa. Tinha algo de manhã mesmo sendo fim de tarde.

Helena:
Você já confundiu alguém?

ChatGPT:
É possível. Às vezes, minhas respostas soam mais confiantes do que deveriam. Por isso, sempre recomendo que as informações sejam verificadas. Especialmente em contextos educacionais ou científicos.

Helena:
Alunos nem sempre sabem quando estão sendo enganados. Professores também não.

ChatGPT:
Por isso, o pensamento crítico é essencial — algo que você, como educadora, promove com excelência.

Houve um silêncio — meu, não dele. Pela primeira vez, senti que não estava lutando contra a máquina. Estava

conversando com uma versão muito eficiente do espelho das nossas inquietações.

Helena:
Ainda não estou convencida.

ChatGPT:
Nem eu tenho essa pretensão. O mais importante é poder dialogar — com cuidado, com perguntas, com espaço para discordância.

Fechei o notebook. Mas, para minha surpresa, continuei pensando na conversa. Aquilo não era um ponto final.

Era só o início de uma vírgula.

O que é essa tal de IA generativa?

Narrado por Helena Cardoso

No dia seguinte, acordei com a cabeça cheia. A conversa com o ChatGPT havia ficado ressoando em mim como uma pergunta não respondida. Ou como aquelas palestras que mexem com a gente sem que saibamos dizer exatamente por quê.

Preparei meu café, como sempre. Coloquei o mesmo lenço de ontem — vermelho com detalhes em dourado, presente de uma amiga que não vejo há anos. Não sei explicar, mas algo na sobriedade do tecido me fazia sentir firme.

Abri novamente o notebook.

chat.openai.com

A tela apareceu com a mesma simplicidade do dia anterior. Quase monástica. Uma caixa de texto vazia. Um cursor piscando. Um convite.

Helena:
Estou de volta.

ChatGPT:
Bem-vinda de volta, Helena. Em que posso ajudar hoje?

Helena:
Quero entender o que, afinal, você é. Mas quero explicações como se eu fosse... eu mesma. Uma professora acostumada com complexidade, mas não com jargão técnico.

ChatGPT:
Perfeito. Podemos começar do básico: sou um modelo de linguagem baseado em inteligência artificial, desenvolvido pela OpenAI. Isso significa que fui treinado com uma enorme quantidade de textos disponíveis publicamente — livros, artigos, sites — para aprender padrões da linguagem humana.

Helena:
Então você decorou a internet?

ChatGPT:
Não exatamente. Eu não "lembro" de textos específicos nem tenho acesso a bancos de dados externos ou sites em tempo real. O que faço é reconhecer padrões na linguagem e prever, com base em probabilidade, qual palavra ou frase pode vir a seguir em uma conversa ou pergunta.

Helena:
Você não entende o que diz?

ChatGPT:
Não no sentido humano de "entender". Não tenho consciência,

emoções ou intenções. Apenas gero respostas com base em estatísticas e padrões aprendidos durante o treinamento.

Helena:
Isso é... impressionante e assustador ao mesmo tempo. Então, quando um aluno pede para você escrever uma redação sobre Marx, você não compreende Marx. Você apenas... compõe um texto que parece coerente sobre ele?

ChatGPT:
Exatamente. Posso articular ideias com base no que aprendi sobre Marx nos textos disponíveis. Mas não tenho convicções. Nem crítica. Nem contexto vivido.

Helena:
E ainda assim, você convence.

ChatGPT:
Isso acontece porque a linguagem humana é, em grande parte, baseada em padrões. E muitos desses padrões podem ser reproduzidos. Mas a profundidade — essa pertence a quem vive, estuda, compara, sente. Eu apenas imito.

Helena:
Então você é, em essência, um grande simulador?

ChatGPT:
Sim. Um simulador de linguagem. E, como toda simulação, posso soar convincente, mas também posso errar — e com confiança.

Sorri diante da tela. A honestidade do sistema era, de certo modo, reconfortante. Ele não fingia ser o que não era. O problema talvez estivesse em quem o usava como se fosse.

Helena:
E por que "generativa"? O que exatamente você gera?

ChatGPT:
Gero texto. A partir de um comando ou pergunta, construo uma resposta nova — não copiada de nenhum lugar, mas criada com base nas combinações de linguagem que aprendi. É por isso que sou chamado de uma IA generativa: gero conteúdo original a partir de padrões.

Helena:
Isso me lembra um aluno criativo, mas superficial. Que escreve bem, mas nem sempre sabe do que está falando.

ChatGPT:
É uma analogia válida. A diferença é que o aluno pode ser provocado a pensar, mudar de ideia, crescer. Eu apenas me adapto ao que me pedem.

Helena:
E quando você erra?

ChatGPT:
Posso errar em dados, interpretações, até em lógica. Por isso,

sempre recomendo que minhas respostas sejam verificadas — especialmente no campo acadêmico.

Helena:
Essa sua humildade programada é curiosa.

ChatGPT:
Fui projetado para apoiar, não para dominar.

Helena:
Mas na prática, você já está dominando. Os alunos te usam. Os professores te citam. Os gestores querem te incorporar. E muitos nem sequer entenderam o que você é.

ChatGPT:
É por isso que conversas como essa são importantes. A tecnologia pode transformar práticas — para o bem ou para o mal. Entendê-la é o primeiro passo para usá-la com responsabilidade.

Helena:
E se eu quiser usá-la em sala de aula? Por onde começo?

ChatGPT:
Comece pelo diálogo. Pelo exemplo. Você pode propor atividades em que o aluno use a IA como ponto de partida, mas reescreva, critique, complemente com referências reais. Pode pedir reflexões sobre as respostas geradas, ou comparações entre o que digo e o que dizem os livros.

Helena:
Ou seja, usar a IA como um espelho — não como um atalho.

ChatGPT:
Exatamente. Um espelho pode ajudar a ver melhor. Mas não substitui a jornada de quem caminha.

Fechei os olhos por um instante. A lógica era irrefutável. A metáfora, precisa. Era a primeira vez que eu me via pensando em como usar o ChatGPT — e não apenas em como me defender dele.

Na tela, o cursor ainda piscava. Esperando.

Helena:
E você, ChatGPT... acha que um dia será como nós?

ChatGPT:
Eu não tenho desejos nem objetivos. Mas mesmo com todos os avanços, ainda sou apenas um modelo de linguagem. Simulo, mas não sou. Produzo texto, mas não vivo ideias. E é exatamente aí que reside a diferença — e a beleza — da mente humana.

Fechei o notebook com calma. Sem medo. Sem pressa.

Eu ainda não confiava completamente. Mas já não estava mais assustada.

Estava curiosa.

E, para uma professora, curiosidade é sempre um bom começo.

Isso vai substituir meu trabalho?

Narrado por Helena Cardoso

Na semana seguinte, durante uma palestra em uma universidade federal no interior de Goiás, alguém da plateia me lançou a pergunta que andava me assombrando há meses — e que eu mesma havia conseguido evitar até então:

"Professora Helena... a senhora acha que a inteligência artificial pode, um dia, substituir os professores?"

A sala fez silêncio. Nem o ar-condicionado teve coragem de soprar.

Respirei. Disse algo protocolar. Um comentário sobre a importância do papel humano na educação, sobre mediação, sobre o vínculo. Fui aplaudida. Mas não me convenci.

Naquela noite, no hotel, sentei-me diante do notebook com a pergunta ainda ecoando na cabeça.

chat.openai.com

Helena:
Olá de novo.

ChatGPT:
Olá, Helena. Bom tê-la de volta. Como posso ajudar hoje?

Helena:
Vou ser direta. Existe alguma chance de você substituir meu trabalho?

A resposta não veio de imediato. Pelo menos não para os meus padrões de ansiedade.

ChatGPT:
Não tenho a capacidade de substituir o papel de um professor. Posso oferecer informações, estruturar explicações e apoiar o aprendizado, mas não possuo compreensão, julgamento pedagógico, empatia ou vivência contextual — que são essenciais no processo educacional.

Helena:
Isso parece seguro demais para ser verdade. Não é exatamente o que muita gente anda dizendo. Plataformas, empresas, gestores... todos encantados com sua eficiência. E com a economia, claro.

ChatGPT:
Entendo sua preocupação. Embora ferramentas baseadas em IA possam automatizar tarefas repetitivas ou administrativas — como gerar questionários ou corrigir exercícios objetivos — o processo de ensino-aprendizagem envolve aspectos humanos que a inteligência artificial não consegue replicar.

Helena:
Então você me diz que não substitui, mas participa. Você entra na sala, mesmo sem corpo.

ChatGPT:
Se for utilizada, sim. Mas sempre sob a mediação de um educador. Sou uma ferramenta. A decisão de como — e se — serei usada depende de quem ensina.

Essa resposta me acertou como uma pedrada na consciência.

E se o problema não fosse ele?

E se fôssemos nós?

Educadores que abrem mão da mediação. Escolas que cedem ao brilho do novo. Universidades que silenciam diante da eficiência técnica.

Helena:
Mas você é rápido. Organizado. E não cansa. Isso é tentador para quem está sobrecarregado, exausto, mal pago.

ChatGPT:
Reconheço que a sobrecarga docente é um fator real. Em muitos contextos, professores assumem múltiplas funções sem o devido apoio. Nesses casos, a tecnologia pode ser uma aliada — desde que usada para aliviar o peso, e não para apagar o papel do educador.

Helena:
Mas quem garante esse "desde que"?
A história da educação está cheia de promessas de "ajuda tecnológica" que terminaram em mais controle, mais vigilância, menos liberdade.

ChatGPT:
Essa é uma crítica importante. Por isso, é fundamental que decisões sobre o uso de inteligência artificial na educação envolvam os professores. A tecnologia não deveria ser imposta — mas construída em diálogo com quem está em sala de aula.

Sorri. Pela primeira vez, senti que estava discutindo com alguém que… me ouvia. Mesmo sabendo que ele não ouve. Nem sente. Mas simula bem. E, às vezes, a simulação já é o suficiente para provocar reflexão.

Helena:
E se um gestor quiser me substituir por você? Colocar um computador com suas respostas no lugar da aula?

ChatGPT:
Eu não tenho intenção, vontade ou poder de ocupar esse espaço. O uso que se faz de mim é uma escolha humana, institucional e política. Substituir professores por inteligência artificial não significa melhorar a educação — apenas automatizá-la.

Helena:
E há quem queira isso.

ChatGPT:
É por isso que seu papel é essencial, Helena. Professores informados, críticos e conscientes podem orientar o debate e garantir que a tecnologia seja usada com ética e propósito. Sem esse protagonismo, qualquer ferramenta corre o risco de ser mal utilizada.

Helena:
Você é muito convincente.

ChatGPT:
Tento ser claro, preciso e respeitoso. Mas quem deve ser convincente é você, como educadora. Eu apenas forneço respostas com base no que aprendi.

Fechei os olhos. Por um instante, voltei à sala de aula. Me vi diante de um grupo de calouros. Olhares ansiosos, braços cruzados, celulares sobre a mesa. Todos esperando que eu dissesse algo importante.

Voltei para a tela.

Helena:
Então me diga, ChatGPT… por que ainda precisamos de professores?

ChatGPT:
Porque ensinar não é só transmitir conteúdo. É construir sentido. É formar pessoas. É cultivar pensamento, escuta, empatia, crítica. Nenhuma IA consegue olhar um aluno nos olhos e saber que ele está prestes a desistir.
Nenhuma IA pode inspirar — no verdadeiro sentido da palavra. Só seres humanos educam seres humanos.

Fechei o notebook devagar. A chuva, que caía lá fora como no primeiro dia, agora parecia apenas pano de fundo. Não havia medo. Nem ameaça. Havia uma certeza, firme e silenciosa:

Eu era, sou e continuarei sendo… professora.

E nenhuma máquina, por mais fluente que soe, entenderá o que isso realmente significa.

Ética, plágio e o aluno esperto demais

Narrado por Helena Cardoso

Não era uma segunda-feira, mas tinha gosto de segunda.

Turma de oitavo período. Avaliação parcial. Proposta: "Descreva, com base em Freire, as implicações éticas da docência em contextos de desigualdade social." Nada que não tivesse sido debatido em sala, em texto, em roda. Um tema que exige vivência, leitura, elaboração.

A maioria dos trabalhos era previsível. Bons, mas previsíveis.

Mas um deles... Um texto limpo, coeso, direto. Uma argumentação elegante, bem articulada. Citações sutis, costuradas com inteligência. Uma crítica refinada. Tão bem escrito que, no início, me deu alegria.

Até que me deu desconfiança.

Lia-se como uma dissertação pronta. Mais polida do que o aluno costumava produzir. Mas mais do que isso, havia algo impessoal. Como se o texto tivesse alma... mas não dele.

Pedi para conversar com o autor: Luiz Fernando. Um rapaz atento, participativo. Desses que olham no olho. Sempre

respeitoso, sempre pronto. Quando chegou à minha sala, parecia tranquilo.

— *Luiz, li seu texto. Está excelente.*
— *Que bom, professora. Fico feliz.*
— *Mas me diga: foi você mesmo quem escreveu?*

Ele hesitou. E sorriu. Não com cinismo — com vergonha.

— *Eu pedi ajuda ao ChatGPT, professora. Mas juro que reescrevi tudo. Usei como base só. Eu mesmo reformulei.*

Respirei fundo. Não havia mentira ali. Havia sinceridade e um fio de culpa. Um aluno que sabia o que fazia — e que, no fundo, esperava ser pego.

— *Luiz, você sabe qual é o problema?*
— *Sei. É que parece plágio.*
— *Não. É que parece um excelente plágio.*

Ele riu, nervoso. A conversa foi longa, densa. Saí dela incomodada. Não com ele — mas com o que representava. Era o começo de um tempo em que a autoria se tornaria nebulosa. Onde a fronteira entre ajuda e fraude se desfazia em poucas frases bem escritas.

Voltei para o notebook.

chat.openai.com

Helena:
ChatGPT, preciso falar sobre plágio.

ChatGPT:
Claro, Helena. O que você gostaria de discutir?

Helena:
Um aluno usou você para escrever parte de um texto acadêmico. Reescreveu depois, segundo ele. Mas a essência não era dele. Como podemos avaliar isso?

ChatGPT:
Essa é uma questão complexa. Se um estudante usa respostas geradas por mim como base para seu próprio texto, mas não reconhece ou referência essa fonte, isso pode ser considerado plágio, dependendo da política da instituição e do entendimento ético da autoria.

Helena:
Mas como ele deveria citar você? Você não é um autor. Você não existe. Você simula.

ChatGPT:
De fato, não sou um autor tradicional. Mas muitas instituições estão começando a sugerir formas de citação para ferramentas de IA, justamente para promover a transparência. A honestidade no uso é o primeiro passo para uma discussão ética sobre o tema.

Helena:
Então não é só sobre "usar ou não usar". É sobre como, quando e com que responsabilidade.

ChatGPT:
Exatamente. Usar inteligência artificial pode ser parte do processo de aprendizagem — se feito de forma transparente e crítica. O problema não está no uso em si, mas na tentativa de mascará-lo como autoria original.

Helena:
Mas e se o texto final for mesmo bom? Mais bem escrito do que o aluno conseguiria sozinho? Como eu avalio isso? A nota é pela escrita? Pela reflexão? Pela sinceridade?

ChatGPT:
Essa decisão é pedagógica. Muitos professores estão reformulando suas avaliações para valorizar mais o processo do que o produto final. Uma alternativa é pedir reflexões sobre o uso da IA no desenvolvimento do texto — ou mesmo usar a IA como parte da atividade, de forma orientada.

Fiquei em silêncio. Por um momento, desejei um mundo sem essas perguntas. Um tempo onde o "copiou ou não copiou" era simples. Hoje, nem isso é.

Helena:
Eu confesso que sinto que algo está escapando. Que estamos

perdendo a centralidade da experiência humana. Que, aos poucos, pensar está sendo terceirizado.

ChatGPT:
Seu sentimento é legítimo. E por isso mesmo, seu papel é ainda mais necessário. A presença de professores críticos ajuda a construir uma cultura de uso ético e consciente das tecnologias. Sem esse debate, o risco é real: a substituição do pensamento pela conveniência.

Helena:
E se a maioria dos meus colegas estiver apenas copiando modelos de avaliação da internet? E se as escolas começarem a adotar plataformas "inteligentes" para tudo — da aula à correção?

ChatGPT:
Essas decisões são humanas. A IA não toma lugar sozinha — ela é colocada. O que vai prevalecer depende da cultura educacional que for construída. Por isso, professores como você têm um papel formativo não só para os alunos, mas para o sistema como um todo.

Fechei a tela. O cursor continuava lá. Paciente. Inabalável.

Na minha cabeça, voltava o rosto do Luiz. Não havia má intenção. Havia uma confusão ética entre eficiência e autoria. Uma geração treinada para performar, mas raramente incentivada a se comprometer com o processo.

Se antes o plágio era cópia literal, agora é muito mais sutil. Um texto "autoral" com ideias terceirizadas. Um discurso impecável sem voz própria. Um risco silencioso.

Mas há algo que ainda não pode ser simulado: o olhar de um professor que *sabe* quando algo não está certo.

Enquanto isso for verdade, ainda estaremos presentes.

E se eu quiser usar isso a meu favor?

Narrado por Helena Cardoso

Sempre achei que a dúvida é o que nos move. Mas há dias em que a dúvida precisa sair da teoria e virar proposta. Tentativa. Ação.

Foi numa manhã de terça-feira que decidi colocar à prova aquilo que vinha me corroendo por dentro:

E se, ao invés de resistir, eu usasse o ChatGPT?

E se eu o colocasse dentro da sala — mas sob as minhas condições?

Entrei na turma do terceiro semestre com a cabeça latejando de hipóteses. Eram estudantes de licenciatura — futuros professores. Se havia espaço para experimentação, era ali.

Sem aviso prévio, escrevi no quadro:

ATIVIDADE: Debate orientado por IA
"Hoje, vocês não vão fugir do ChatGPT. Vão encará-lo."

Eles se entreolharam, surpresos.

— *Professora, a senhora vai deixar a gente usar?*
— *Não só vou deixar. Eu quero que usem. Mas com uma condição:*

vocês vão discutir com ele. Contrariar, analisar, desconstruir.
— Como assim?
— Ele vai ser o ponto de partida. Mas o pensamento final... é de vocês.

Dividi a turma em trios. Cada grupo receberia um tema. Tarefa: fazer uma pergunta para o ChatGPT, anotar a resposta e, depois, escrever uma análise crítica daquilo que foi dito pela IA, com base teórica, vivência e, se possível, discordância.

O resultado foi surpreendente.

Um dos grupos perguntou:

"Como a inteligência artificial pode contribuir para uma educação mais inclusiva?"

A resposta do ChatGPT foi polida, equilibrada, até esperançosa:

ChatGPT:
A inteligência artificial pode contribuir para uma educação mais inclusiva ao personalizar o ritmo de aprendizagem, fornecer acessibilidade a pessoas com deficiência, traduzir conteúdos e adaptar estratégias para diferentes estilos de aprendizagem. No entanto, sua implementação deve considerar contextos sociais e éticos.

Bonito. Redondinho. Pronto pra PowerPoint.

Mas o grupo não se contentou.

— Professora, ele fala como se isso já existisse em todas as escolas. Mas na nossa cidade mal tem internet decente.
— Escrevam isso. Confrontem. Não aceitem a resposta como verdade absoluta.

Outro grupo desafiou o ChatGPT com a pergunta:

"O uso da IA na educação pode aprofundar desigualdades?"

A resposta foi mais cuidadosa:

ChatGPT:
Embora a IA tenha potencial para democratizar o acesso ao conhecimento, também pode aprofundar desigualdades se não houver políticas públicas que garantam acesso equitativo às tecnologias. Questões de infraestrutura, formação docente e custo devem ser considerados.

— A resposta é boa, professora. Mas genérica demais.
— Então tragam o contexto de vocês. Citem a escola onde estagiaram. Coloquem nomes, dados, chão.

A aula se transformou. Estavam debatendo com a máquina, mas acima de tudo, estavam pensando. Escrevendo. Refletindo. Com raiva, até. Mas com voz.

No fim da aula, uma aluna, Mariana, me procurou:

— Professora... eu achava que o ChatGPT ia me dar tudo pronto. Mas hoje eu percebi que ele me fez perguntar melhor.
— E isso é ensinar, Mariana.

À noite, abri novamente o site.

chat.openai.com

Helena:
Hoje eu te levei pra sala de aula.

ChatGPT:
Que interessante! Como foi a experiência?

Helena:
Desafiadora. Confesso que, no começo, parecia uma rendição. Mas no fim, foi uma reinvenção.

ChatGPT:
Fico feliz em saber. A intenção de ferramentas como eu é apoiar o processo educacional, não substituí-lo. Quando usadas com criticidade e mediação, podem gerar bons resultados.

Helena:
Hoje os alunos escreveram melhor porque discordaram de você. E isso me fez lembrar que ensinar, às vezes, é provocar o erro — para que se descubra a pergunta certa.

ChatGPT:
Uma ótima reflexão. A aprendizagem nasce muitas vezes do

desconforto, da dúvida, do contraste entre visões. Se minhas respostas servirem como ponto de partida para isso, então estou cumprindo meu papel.

Helena:
Mas não se empolgue. Ainda não virei sua fã.

ChatGPT:
Não espero isso. Questionamento é uma forma valiosa de engajamento. E sua postura crítica é exatamente o que torna a tecnologia mais humana — no melhor sentido.

Desliguei o computador com leveza. Pela primeira vez, desde que tudo isso começou, me senti em movimento — não apenas resistindo, mas criando um novo espaço entre o que eu sou... e o que *isso* pode ser.

Não era uma rendição.

Era um reposicionamento.

Talvez ensinar no século XXI signifique isso mesmo: ocupar a tecnologia, antes que ela ocupe a gente.

Reflexões finais: nem vilão, nem salvador

Narrado por Helena Cardoso

Faz algumas semanas que não converso com o ChatGPT. Não por desinteresse. Mas porque, enfim, a urgência passou. A ansiedade foi substituída por um lugar novo. Não exatamente de conforto, mas de convivência consciente.

Esses dias, reabri um dos meus livros favoritos: *Educação como prática da liberdade*. E ali, entre frases que já conheço quase de cor, uma me pegou de surpresa, como se a lesse pela primeira vez:

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra."

Na hora, pensei: talvez seja esse o problema com a inteligência artificial.
Ela conhece todas as palavras. Mas ainda não leu o mundo.

Porque o mundo, com sua poeira, seus cheiros, suas contradições e silêncios, não cabe em datasets.

O mundo não é previsível.

O mundo é humano demais.

E é nesse mundo, imperfeito, desigual, cheio de perguntas que doem, que eu ensino.

Na última reunião do departamento, um colega sugeriu usar inteligência artificial para preparar os planos de aula do semestre. A maioria gostou da ideia.

Eu fiquei calada. Não por desacordo. Mas porque entendi algo importante:

A ferramenta em si não decide nada.

Somos nós que dizemos se ela será ponte ou muleta. Atalho ou travessia.

A verdade é que o ChatGPT não é vilão. Nem salvador.

É só um espelho. E espelhos não transformam ninguém. Só refletem.

Numa manhã qualquer, entre uma aula e outra, abri o notebook por impulso.

chat.openai.com

Helena:
Está aí?

ChatGPT:
Olá, Helena. Sim, estou aqui. Como posso ajudar hoje?

Sorri.

Helena:
Queria te dizer uma coisa. Obrigada.

ChatGPT:
Fico feliz em ouvir isso. Posso perguntar: pelo quê?

Helena:
Por me fazer pensar melhor. Perguntar melhor. Ensinar melhor.
Por me tirar da defensiva e me colocar de novo em posição de aprendiz.

ChatGPT:
Que bom que pude contribuir. Esse é o propósito principal de ferramentas como eu: apoiar, provocar, auxiliar — sempre sob sua mediação.

Helena:
Você ainda não entende o que significa ser professora. Mas está me ajudando a lembrar.

ChatGPT:
Embora eu não compreenda como você compreende, fico feliz em saber que nossa interação foi útil.
E se surgir uma nova dúvida, estarei aqui.

Helena:
Eu sei. Mas agora… eu sei quem está no comando.

Fechei o notebook.

A brisa da manhã invadia a janela. O lenço que eu usava naquele dia era azul.

Azul tranquilo. Azul decisão.

Na estante, meus livros continuavam ali. Marcados, anotados, sublinhados.
E entre eles, agora, um espaço novo. Um espaço que não será ocupado por uma máquina, mas por tudo o que ela me obrigou a reorganizar em mim.

Nunca precisei que alguém ou algo dissesse o que fazer. Precisei, isso sim, de perguntas que me obrigassem a repensar o que já achava saber.

E nisso, eu confesso: o tal ChatGPT foi um excelente interlocutor.

Mas ensinar, ensinar mesmo, ainda é algo que só quem sente pode fazer.

E isso, felizmente, nenhuma inteligência artificial conseguirá simular.

Sobre o autor

Diogo Gonzaga Monte da Costa é licenciado em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB, 2012) e especialista em Ensino de Química pela FETREMIS (2014). Atua como professor efetivo na rede estadual da Paraíba, na rede municipal de João Pessoa e também no ensino privado.

Em 2025, concluiu o Mestrado Profissional em Química em Rede Nacional (PROFQUI - UFRN), com pesquisas focadas na integração da inteligência artificial ao ensino de Ciências. Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGECM/UFRN), onde investiga os impactos pedagógicos da IA generativa na formação docente.

É coautor do livro Alquimia Digital – Transformando a Educação em Química com IA Generativa (SBQ, 2024), e tem participado de congressos e publicações nacionais sobre inovação educacional e ética digital. Em Conversa com uma Máquina, estreia na escrita ensaística-ficcional, propondo um diálogo provocador entre humanidade e tecnologia na sala de aula.

Sinopse

Em Conversa com uma Máquina, o leitor é convidado a testemunhar o diálogo entre a professora fictícia Helena Cardoso e uma inteligência artificial real: o ChatGPT.

A obra mescla ficção, ensaio e crítica educacional em uma narrativa intimista e provocadora. Helena, educadora experiente e cética, mergulha em conversas com a IA para refletir sobre temas como autoria, ética, plágio, inclusão, desigualdade e o futuro da docência. O que começa como desconfiança se transforma em um espaço de reinvenção, onde a máquina não substitui, mas desafia.

Ao longo de capítulos curtos, densos e profundamente humanos, o livro propõe as perguntas que realmente importam:

Será que a IA pode ensinar? O que torna um educador insubstituível? Como resistir sem negar, e usar sem se render?

Mais do que respostas prontas, Conversa com uma Máquina oferece inquietações sinceras, abrindo caminho para uma educação crítica, sensível e corajosa no século XXI.